

IV Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Santiago de Chile, 2001.

# **Antropología de la resistência e dos movimentos sociais: a aceleração da História e as memórias colectivas.**

Paula Godinho.

Cita:

Paula Godinho. (2001). *Antropología de la resistência e dos movimentos sociais: a aceleração da História e as memórias colectivas*. IV Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Santiago de Chile.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/iv.congreso.chileno.de.antropologia/89>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ef8V/cwv>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# *Antropologia da resistência e dos movimentos sociais: a aceleração da História e as memórias colectivas*

Paula Godinho\*

## *1. Introdução*

A relação entre o domínio local e o que o transcende é legível, de forma densa, nas edificações em torno da memória, que variam em função das conjunturas. A disposição dos grupos sociais que, num dado momento, detêm maior ou menor controlo dos mecanismos de construção da memória, tem um carácter central na teia de relações entre o nível local e a esfera do Estado, que integra a negociação - comportando cedências e adaptações - mas também a denegação - pela omissão, ou, no limite, pela repressão. Esta relação será abordada tendo em conta um local do Portugal rural do sul, num trabalho de antropologia retrospectiva em que a permanência no terreno serve à compreensão, pelas redes locais, dos mecanismos memoriais. O objectivo desta comunicação centra-se na capacidade estruturante que resulta da transmissão da memória colectiva de acontecimentos associados à resistência e a movimentos sociais sob o estado ditatorial (1926-1974), e visa descortinar a racionalidade desse processo, que se funda nos quadros sociais que sustentam a memória dos momentos de luta e que permite transcender os limites do grupo em que emerge. Como o demonstrariam as condições emergentes a seguir ao golpe de estado - tornado na rua "Revolução dos Cravos" - que derrubou o regime ditatorial em 1974, os actos rememorativos de momentos de insurgência são contagiosos, com capacidade para serem reactivados quando as condições conjunturais o permitem. Num momento de aceleração da História, a memória grupal é retransformada e universalizada, potenciando a emergência de movimentos colectivos, num processo entendível pela capacidade de paroquializar uma conjuntura translocal favorável.

O estudo de terreno, complementado por um trabalho de arquivo, foi realizado numa povoação rural do sul de Portugal com um excesso de reputação resistente: Couço. Todos os entrevistados citados no presente

texto são ou foram militantes comunistas que passaram pelas prisões políticas durante o período da ditadura salazarista e marcelista, entre 1926 e 1974, por vezes encarcerados durante mais de uma década, tendo sofrido os horrores da tortura e do isolamento.

## *2. Um espaço e um tempo*

Um percurso pelo século XX português através dos reflexos dos acontecimentos vividos em termos locais permite-nos verificar o envolvimento da população do Couço nos movimentos que assolaram ou contagiaram o mundo rural. Há uma história local e uma memória dos vivos que é estruturante na emergência de formas de acção colectiva, principalmente quando uma conjuntura favorável lhe sirva de pano de fundo. A primeira referência a formas de organização locais surge numa Inquirição pelas Associações de Classe sobre a situação do operariado, em 1909. Desde 1894 que estava reconhecido o direito ao sindicalismo rural em Portugal, e no Couço, em resposta a esta inquirição, ficamos a saber que existe uma Associação de classe dos Agricultores do Couço, com biblioteca e gabinete de leitura, que alfabetiza e inicia a previdência de classe (cofre de socorro e caixa económica). Esta forma associativa a nível local manter-se-á mesmo quando entram em decrepitude associações congéneres.

A República, implantada em Portugal a 5 de Outubro de 1910, instaurou uma conjuntura favorável ao desencadear de acções colectivas. No Couço, as actas da Junta de Freguesia dão visibilidade à participação local nas movimentações de trabalhadores agrícolas no Verão de 1911, que se estenderam a todo o sul do país, sofrendo violentos ataques.

Com o surgimento da ditadura militar, em 1926, vão acentuar-se as condições de repressão. Em 1933 - e ainda que devido ao desencadear de uma campanha para produção intensiva de trigo, se vivesse então uma relativa acalmia no mundo rural do sul - há uma luta na

\* Universidade Nova de Lisboa.

praça de jorna, que culmina com a prisão de 11 trabalhadores rurais, levados a pé para a sede distrital, Santarém.

Nos anos 1940, as dificuldades nos abastecimentos decorrentes da 2ª guerra mundial e a "grande fome", marcam a existência de formas de resistência como as marchas de fome, mas também os assaltos às grandes herdades, bem como a proliferação da caça ilegal. Com o crescimento organizativo, aumentam também as vagas repressivas por parte da PVDE e da PIDE, que se cifrarão em várias prisões, em 1943 e 1947. Em 1951, após a morte do presidente da República, Marechal Carmona, em Abril, seriam desencadeadas mais cinco detenções, reflectindo localmente um acontecimento nacional.

A conjuntura entre 1958 e 1962, pautada por movimentações em contínuo que dificultam a datação precisa, está marcada por um acontecimento nacional com reflexos locais e por uma luta rural que se insere no plano de instabilidade vivido dentro do regime ditatorial. Em 1958 um oficial superior em corte com as forças armadas salazaristas, o general Humberto Delgado, vai mobilizar toda a oposição ao regime no apoio à sua candidatura à presidência da República. A fraude eleitoral que deu a vitória ao candidato do regime, almirante Américo Tomás, serviu ao desencadear de novas acções que deram grande instabilidade ao regime. O final do período de forte intensidade de movimentações, Maio de 1962, coincide com a luta generalizada no sul pelas 8 horas de trabalho rural, pautado localmente por um conjunto de prisões, num momento em que o regime se sentia acossado interna e externamente.

No sul do país, a memória de uma ligação de propriedade com a terra por parte dos trabalhadores é praticamente nula. Dos 172,3 milhares de trabalhadores rurais recenseados em 1950, 89% eram temporários, conseguindo emprego sazonal ou sendo contratados ao dia ou á semana. O Couço não foge à regra.

A freguesia, que engloba vários lugares, localiza-se no concelho de Coruche, no sul de Portugal, numa zona de planície sulcada por rios. Predomina a grande propriedade, com mais de 200 hectares (83% nos anos 40), ocupando a pequena propriedade, com menos de 30 ha, cerca de 2,5% da área; 14,5% das terras tinham entre 30 e 200 ha no período referido. Em 1940, a grande propriedade repartia-se por 15 proprietários, unidos entre si por laços familiares devido à forte endogamia de classe; desses, só 5 eram residentes.

À produção do trigo, cuja subida de preços permitiu aos rendeiros desde meados do século XIX aceder à compra de propriedades, juntou-se desde a última década desse século o sobreiro, com a exploração de cortiças por toda a freguesia, nas áreas de montado. A construção de obras de irrigação de grande importância nos anos 1950 trouxe grande incentivo ao cultivo do arroz, já explorado desde o início deste século. Esta produção, que ocupa muita mão-de-obra, deverá ter sido responsável pelo grande crescimento populacional, que atingiu o seu número máximo em 1960 com 5462 habitantes.

Esta freguesia constitui um adequado laboratório para o estudo de momentos acesos nas lutas do sul rural português, movimentações que, entre 1958 e 1962, transcenderam o âmbito local e constituíram um dos focos de resistência contra o salazarismo a nível nacional. No caso do Couço, a continuidade dos eventos de luta no tempo entre Abril de 1958 e o verão de 1962 dificulta o estabelecimento do final de um pico de luta e o início do seguinte. Fortemente marcados pelas classes e pela emergência de conflitos que as reflectem, os depoimentos recolhidos dão legibilidade a uma hierarquia que constitui o pano de fundo para o entendimento das relações entre os indivíduos, nomeadamente através dos momentos de confronto. Longe da impotência e do desalento, o discurso emitido acerca do conflito de classes expressa a capacidade reiterada em momentos vários para lutar por meios de existência adequados, conduzindo os concenses a vitórias precoces no que respeita às condições de trabalho. Esta capacidade, que se alicerçaria na consciência das condições materiais de existência, expressa-se num discurso dicotómico enformado pela vivência numa sociedade de classes. "Nós", os pobres, os assalariados rurais, a pequena burguesia e os artífices locais, opõe-se a "eles", "os ricos", proprietários e seus representantes, grandes rendeiros e sequazes do salazarismo localmente instalados.

O Partido Comunista Português (PCP), cuja organização penetraria no Couço a partir de 1943, encontraria um terreno já fértil para a sua implantação, atendendo a uma tradição organizativa de trabalhadores rurais que remonta aos anos que precederam a implantação da República (1910), e que seria reconfirmada e actualizada em vários outros momentos.

### 3. *Cultura resistente e memória local*

A consciência de que, em momentos determinados, o contributo local hiperbolizou a capacidade do próprio grupo, ultrapassando a dimensão restrita e paroquial emergem em vários dos discursos sobre conjunturas passadas em que a localidade assumiu papel destacado entre a oposição ao regime ditatorial. Assim, a capacidade resistente do colectivo local, assumidamente superior à do conjunto do país e que tem uma posição saliente mesmo no contexto sul, é relatada em termos locais na actualidade numa marcação de uchronia - ou seja, de um tempo que poderia ter sido. Para tal faltou, como é enunciado em termos discursivos, a dilatação, a universalização de quanto viria a assumir só um carácter paroquial -ainda que grangeando ao meio local resistente uma reputação de vanguarda. Perpassa, contudo, por vezes de forma explícita, na memória acerca dos momentos épicos locais do passado, a nostalgia do que não chegou a ter sido. Como afirma um velho militante comunista local, "Houve momentos em que até os camaradas disseram: "Se o Salazar morrer, a ver se a gente é capaz de levantar a moral do povo para ver se se muda o regime". Porque os camaradas sabiam que cai o Salazar e fica outro Salazar. E assim foi. A gente tentou, mas não conseguimos levantar a moral do povo para mudar após a morte do Salazar."

A convergência entre as instâncias locais e as circunstâncias nacionais é geradora da memória feliz e realizada da mudança, ou da sua possibilidade. A uchronia, ou o tempo que poderia ter sido, e cuja concretização ficava dependente da sincronização entre o local e o nacional no que concerne à evolução política, atravessa vários dos discursos. A direcção da mudança, mais intuída que conhecida, exigiria um sentido comum que transcendesse o nível unitário e que, ainda que albergando cedências, fosse congregador numa dimensão mais lata, que superasse o plano paroquial.

Os grupos do poder, concatenados por rede entre o nível local e as dimensões translocais tentam deter o controlo da memória social, pois esta condiciona a sua posição de supremacia. Por outro lado, os dominados resistem e tentam manter de forma críptica, clandestina, subterrânea, uma memória que vêem ultrajar, vilipendiar, adulterar e, sobretudo, substituir. A escola, pelo seu carácter nomealizador, detém um papel central na

passagem de uma memória da nação. É unificadora, passando um rolo compressor sobre as memórias localizadas, grupais, colectivas. Num estado ditatorial, oblitera e visa tornar irreprodutíveis as manifestações culturais dos grupos resistentes, pela edificação de uma memória social avassaladora e poderosa, diluindo, camuflando ou destruindo de forma sistemática, pela via ideológica, as diferenças. A resistência a esse esmagamento por parte do colectivo resistente confere uma particularidade a salientar dentro do grupo comunista local, que avalia, primeiro, e posteriormente adapta ou recusa a visão transmitida na escola relativamente ao mundo.

Se o destaque atribuído ao local e a edificação da uma reputação resistente são recorrentes, nos discursos recolhidos, é ainda enfatizada a existência de lugares dentro da freguesia em que o envolvimento político consegue exacerbar-se. Assim, comenta-se que, se no Couço (sede de freguesia) as prisões foram porta sim, porta não, em Santa Justa (lugar anexo, integrando a freguesia) foram porta sim, porta sim.

Uma parte das memórias recolhidas reporta-se à vivência de grupo em diferentes situações. Salientam-se, igualmente, as memórias que são inerentes exclusivamente aos que relatam, que os envolvem e ao grupo familiar, enlaçadas nos momentos vividos no colectivo. Frequentemente não cambiáveis, estas memórias constituem um património simbólico que envolve os indivíduos e suas famílias, perpassado pelos comportamentos e pelas atitudes que permitem construir uma reputação.

Ainda que recorrentemente as memórias esbatam os indivíduos, subsumindo-os num pronome pessoal plural, o nível do eu na relação com os elementos do grupo familiar serve à constituição de uma reputação pessoal e familiar que edifica uma identidade. Entrelaçadas nas recordações do grupo, sobressaem as memórias que integram a família, seja para atribuir à genealogia um baixo limiar de revolta, que impeliria cada indivíduo a fazer jus á memória que transporta, seja para datar algum acontecimento, seja ainda para relatar os padecimentos vividos pelos elementos do grupo familiar em consequência das opções políticas de algum dos seus membros. Constantes são igualmente as referências às situações de miséria e humilhação vividas no passado, ou relatadas por membros da família, considerados decisivos nos percursos da existência dos indivíduos.

As crises da vida doméstica, ainda que recobertas pelas solidariedades da família extensa, confrontavam-

se frequentemente com uma situação irresolúvel, pela incapacidade dos grupos de parentesco - que viviam idêntica situação - conseguirem fazer face às dificuldades surgidas, principalmente no período de defeso do trabalho agrícola, cuja sazonalidade podia abranger seis meses de desemprego por ano.

Quando um indivíduo descreve as suas relações de parentesco, opera cortes ou alarga-as em função de critérios que lhe são próprios, manipulando a genealogia no sentido da construção da sua identidade. Cada história de vida cruza-se com várias outras, transporta pedaços delas, dilatados ou suprimidos em função do papel que lhes atribua o narrador, bem como do interlocutor em presença.

Famílias há, no contexto local, que perpetuaram por várias gerações uma tradição insubmissa, legível nomeadamente nos arquivos da polícia política. As jóias da coroa não cambiáveis, que servem à identidade familiar, dão a cada indivíduo a marca do único, da aura, no sentido que lhe foi atribuído por Walter Benjamin, e criam e alimentam a reputação e o prestígio de um dado indivíduo. Mais, as referências à vida familiar, aos conjugues, irmãos e filhos, servem à explicitação das condições para o encaminhamento político, ou às resistências encontradas nesse processo. Por outro lado, as penas da vida na resistência tornam-se extensíveis às famílias, directa ou indirectamente, variando as atitudes que os elementos dos agregados adoptam face às escolhas políticas de um dos seus membros.

A percepção da vida, em termos colectivos, como uma continuidade na qual se cruzam e a que dão existência os próprios indivíduos, inscrevendo-a num fundo comum, perpassado pelos acontecimentos, nacionais ou transnacionais, e pelas inter-relações inerentes aos processos sociais é recorrente em vários relatos.

#### **4. Objectivação da memória comunista**

As representações do comunismo e dos comunistas enquadram um pano de fundo discursivo de construção da identidade local. Na conjuntura pós-1989, com a queda do muro de Berlim e a confrontação com um leque de novas questões, em que não é de menor importância o desfasamento entre os ideais e as práticas do designado "mundo socialista", essa identidade sofreu recomposições. Os discursos elaborados sobre o passado contribuem para essa

recolocação identitária, num local em que a cultura resistente veicula o orgulho de ser comunista.

Na dureza do trabalho político clandestino levando a cabo durante a ditadura (1926-1974), a fixação de códigos comuns era uma consequência do próprio carácter das tarefas a realizar, bem como da necessidade conspirativa de fechamento do grupo. Algumas expressões serviam à identificação dos membros do grupo, e podiam traí-los perante a polícia política. Também o lapsus linguae servia de identificação e chacota: quando na prisão um agente da PIDE perguntou a uma mulher local porque razão tinha as pernas tão inchadas e deformadas, ao querer informá-lo de que era devido a uma dor ciática, verbalizou soviética, o que serviu de troça e presumida confissão no que respeitava aos seus ideais.

Os entrevistados, todos eles antigos ou actuais militantes comunistas que foram presos durante a ditadura, elaboram um discurso em que ao colectivo comunista são reconhecidas qualidades que lhes serviram de identidade, como a abnegação, a generosidade, o voluntarismo, que só raramente poderiam ser encontrados noutros enquadramentos ideológicos.

Os homens e mulheres que fazem a história podem não sentir identificação com o curso social da História. A não coincidência entre uma ideologia colectivamente partilhada e o curso da História - ou seja, o desfasamento entre o grupal e o social - traduz-se numa nostalgia por um tempo em que essa identificação foi possível. De facto, no período que se seguiu ao golpe de estado de 25 de Abril de 1974 - comumente designado revolução dos cravos -, e particularmente até ao final do designado Processo Revolucionário em Curso (PREC) que terá sido interrompido após 25 de Novembro de 1975, a memória resistente local foi alvo de uma projecção que as razões de conjuntura permitiam que adquirisse uma dimensão que transcendia os limites grupais. Do recuo, ressentese uma militante local: "Houve uma altura em que toda a gente queria ser de esquerda, e queria ser comunista, e hoje as pessoas fogem um bocadinho já a certas coisas. E é precisamente por isto que as pessoas não sentem... Fazem as coisas às vezes, pronto. Dá-lhes aquela coisa, e querem ser, mas depois não são. E se elas sentissem bem aquilo que nós sentimos, e porque é que fazemos as coisas... Mas pronto, isto é assim mesmo."

Num olhar retrospectivo, é frequentemente enfatizada uma dimensão do pensamento leninista que exorta cada lutador a não esmorecer com as derrotas e a tomar consciência de que o trabalho revolucionário é sempre

inacabado. Nesta linha, os desaires são entendidos como meros contratemplos, numa concepção em que o destino do mundo surge no final de um processo que, inelutavelmente, construirá o comunismo. Mesmo contra a corrente dominante - e arrostando as consequências -, contrariando as evidências, os que localmente perfilham o ideal comunista sentem-se possuidores de uma clarividência e duma capacidade de antecipação que os tornam guias preferenciais, entroncando essas características numa genealogia familiar ou numa memória do grupo. O orgulho comunista, radicado na consciência de uma abnegação que confere distinção aos membros do colectivo, impregna as configurações da identidade que transcendem a esfera local. A designação unificadora "camarada", que implica o tuteamento e a supressão verbal de hierarquias, é utilizada no seio dos militantes, simpatizantes e na relação destes com aqueles que identificam em termos de classe e dentro de uma profissão.

## ***5. Herança sem herdeiros ou a reprodução de uma memória grupal restrita?***

Em Fevereiro de 1995 faleceu num acidente de motorizada Isidro Fino Henriques, então com 77 anos. Tratava-se de um dos mais antigos militantes comunistas locais, detido quando, em 1964, se encontrava na clandestinidade. Vivia num lugar contíguo ao Couço, numa pequena casa, e detinha uma quota de popularidade que se associava à sua idade avançada, à sua militância, à participação nas ocupações de terras durante o processo de reforma agrária de 1975 e na posterior criação de unidades colectivas de produção. Magro, pequeno, com um aspecto físico frágil, continuou a trabalhar até à idade em que morreu, não desdenhando mesmo as tarefas mais penosas, como a esgalha dos sobreiros e das oliveiras ou a colecta do pinhão, que o obrigavam a subir às árvores. Sob os gritos lancinantes da viúva, que contavam uma dor e uma vida, foi velado toda a noite, com os familiares, vizinhos, amigos e militantes locais a revezarem-se na pequena sala e nas outras divisões da casa, bem como no alpendre exterior. Como a noite estava fria, a grande lareira da cozinha de verão ia fornecendo as braseiras dispostas nos outros espaços.

O funeral, numa manhã de domingo, percorreu cerca de três quilómetros, com a urna coberta por uma bandeira do Partido Comunista num carro funerário e

os acompanhantes atrás. Ao longo do percurso, nas encruzilhadas, grupos de pessoas aguardavam o cortejo, e incorporavam-se nele, em silêncio. Na rua principal da vila, com o comércio fechado por ser domingo e porque os proprietários de alguns cafés integravam o séquito fúnebre, a multidão desfilava, incorporando famílias inteiras - e não uma convencional representação. Já perto do cemitério, um velho militante local que sofrera uma intervenção cirúrgica recente que quase o impedia de caminhar, incorporar-se-ia também, e com esforço, sobre duas canadianas, faria o troço final. Sem padre, sem recurso à casa mortuária, marcada pelos símbolos religiosos, o militante falecido foi a enterrar. A bandeira vermelha seria retirada antes da urna descer à terra. Outro militante local justificaria depois este acto: morrem tantos militantes coucenses, atendendo ao envelhecimento da população, que não pode deixar-se descer com os corpos à terra a bandeira do partido.

Significará este sucessivo desbaste, resultado da contingência biológica, que a perpetuação de uma cultura local de resistência, alicerçada no Partido Comunista Português, está posta em causa? Atente-se em alguns sinais, por vezes contraditórios.

Quando entrava na casa de um militante local, na primeira sessão de recolha da sua história de vida, cruzei-me com o filho, que me foi apresentado. Na casa dos vinte anos, depois de um curso médio tirado em Lisboa, voltara para o Couço. Percorria quase uma centena de quilómetros por dia até ao local de trabalho, e apesar da dureza desta deslocação pendular, mantinha a residência no local. Votava na Coligação Democrática Unitária em que o PCP se inclui em todas as eleições, mas não tinha qualquer outra participação em termos militantes, ainda que possa deslocar-se a eventos, local ou centralmente, realizados pelo PCP. Como este, um outro jovem, com uma idade similar e um menor nível de instrução formal, filho de um outro antigo detido, retorna ao Couço todos os fins de semana e férias, apesar de residir em Lisboa, sendo mais participativo no que concerne às actividades políticas locais.

Um olhar sobre a lista de candidatos da CDU nas eleições autárquicas de Dezembro de 1997 mostra o equilíbrio encontrado na actualidade entre o peso da memória e a necessidade de perpetuação. O presidente então eleito é um dos detidos em 1958, e transporta uma memória de resistência ao salazarismo, conjugada com uma participação activa a seguir ao 25 de Abril de 1974, quer nos designados órgãos de poder popular, quer no movimento cooperativo. É um hoje um in-

dustrial bem sucedido, militante do PCP e vereador com vários mandatos cumpridos na Câmara de Coruche. Dos 18 elementos que compõem a lista, cinco são independentes e os restantes militam no PCP, alguns dos quais integrando uma segunda ou terceira geração de membros do partido. Vários jovens, estudantes, dão a cara na referida lista, ao lado de outros indivíduos mais velhos. A filha de um antigo presidente da Junta e o filho de um vereador municipal, ambos do PCP, como os seus progenitores, integram os candidatos que, entre as acções que se propunha desencadear, destaca a edificação de "um monumento simbolizando a luta do povo do Couço", entretanto inaugurado.

Uma militante idosa, comerciante, dizia com agrado que todos os anos, quando se aproxima o dia 25 de Abril, responde a múltiplas entrevistas sobre o período anterior, por parte das crianças da freguesia, enviadas pelos professores das escolas locais. A restituição da memória do passado, conferindo profundidade à vivência actual parece conduzir no sentido de uma continuidade harmónica. Todavia, em alguns dos discursos, não é evidente essa difusão sem contradições, aventando-se razões que remetem para uma melhoria das condições de vida que teria imunizado a juventude em relação a formas ideológicas que destacam a luta e a resistência.

Alguns indicadores de continuidade, que conferem alento pela reprodução do colectivo, garantindo-lhe a perpetuação além das descontinuidades biológicas e das movimentações demográficas, são relatados por um dos elementos do colectivo comunista local: "A gente tem um bocadinho de orgulho, e hoje continua a ser uma terra boa. Sobre votos, temos sempre aí setenta, e setenta e tal por cento. O presidente da Junta, que é o meu primo, foi eleito com 73% (...). Está a ver como é esta terra. Já há um bocado de falta de militância. Os velhos é que ainda são o suporte, infelizmente, porque os jovens hoje estão mais para outro lado. Embora nós também já tenhamos juventude, não queremos dizer que não temos cá jovens bons. Sobre a mesa 4, em que todos os que são recenseados de novo vão para a mesa 4, e nós temos lá sempre perto de 70%. É porque os jovens votam em nós."

A referência a um efeito de inércia, que explicaria as votações referidas, e à opção por um mal menor, devido

às desilusões geradas pelo sistema político, não exclui uma paralela fidelidade a uma memória, e deixa intuída uma acção subliminar, que se alicerça no peso do colectivo a nível local. Atendendo à alteração das condições de vida, os que são hoje pais reiteram, com carácter estruturante, as memórias que guardam. Mais, salientam a importância do seu passado, marcado pelo sofrimento e pela resistência, no grangear das novas circunstâncias de que os filhos fruem. Curiosamente, a precariedade do emprego apontada como caracterizadora do período anterior ao 25 de Abril mantém continuidades, devido à desvitalização do sector agrário pela sujeição à Política Agrícola Comum que advém da integração de Portugal no contexto de uma unidade política mais vasta, a União Europeia.

Repescar uma herança, dando continuidade aos exemplos persistentes do passado, passa igualmente pela reconversão do eu, a partir de um momento determinado, para que as contingências de um processo histórico remetem os indivíduos. Num dos casos, a assumpção parcelar de uma memória reenvia para as construções do edifício social pela via do género, tomando o exemplo das que partilham o mesmo sexo.

A concepção de que quem é resistente e se fideliza em determinada organização, deve prosseguir lealmente ligado a ela, sem ater-se ao carácter favorável ou hostil das conjunturas e das reorganizações da estrutura dos grupos sociais num contexto determinado, perpassa na maioria dos discursos. Essa continuidade, que traduz a impermeabilidade dos indivíduos à influência de quanto os envolve, dá legibilidade a uma couraça gerada por uma existência vivida no seio de um colectivo. A memória colectiva pode, assim, constituir uma força na resistência contra a degradação que os grupos sociais dominantes na sociedade empregam para impor a uma minoria o afundamento da sua dignidade, apesar do aviltamento sofrido. As formas como lembram os membros do colectivo local, associadas à maneira como se reproduz a cultura resistente entre momentos épicos e quando as conjunturas externas não propiciam a efervescência colectiva, fornecem o conhecimento dos mecanismos que conferem continuidade ao grupo em presença.